

REPRESENTAÇÕES DE USO

PRISCILLA CHANTAL DUARTE SILVA*

Universidade Federal de Itajubá.

A

Resumo

As Representações de Referência – RR – e Representações de Uso – RU – ilustram como as Representações Sociais – RS – partem do geral para o particular e representam as crenças sociais de um grupo presentes na memória coletiva do leitor num processo de Ancoragem. Assim, as RU dependem das Representações sociais, no sentido de que estas influenciam as RU pelo uso por sua condição contextual de situação de comunicação. Em geral, as RS trabalham com crenças convencionalizadas na sociedade, mas que com o uso em certos contextos, podem orientar para uma particularidade, isto é, os sujeitos têm mais individualidade podendo alterar crenças então antigas estabelecidas nas RS. Isso implica dizer que o significado é construído socialmente. Nesse sentido, a RU forma uma nova visão sobre as próprias crenças, podendo modificá-las pelo uso de novas. Em termos cognitivos, tanto as representações sociais quanto as de uso estão imbricadas nas representações mentais, de modo que o sujeito ativa, pela memória, as representações do que já está estabelecido pelo social a partir da interação.

Palavras-chave: Representações de uso; Representações de referência; Representações sociais.

Schopenhauer já dizia: “o mundo é minha representação” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 9), uma proposição dita com base na relação do homem, um ser que percebe, com o mundo como objeto. Com efeito, o mundo é o objeto pelo modo como o observamos por meio da experiência sensível. Para o autor, se tudo o que existe no mundo é objeto em relação ao homem e para o pensamento, tudo é representação, pois há uma dependência do sujeito e apenas existe para ele. A questão maior a ser discutida é se essa representação é a mesma para todos os sujeitos. A princípio, uma afirmação dessa natureza pode parecer absurda. Afinal, cada ser é constituído de particularidades, subjetividade e não consiste na cópia fiel do outro. Em contrapartida, sabemos que o aparato cognitivo de uma espécie tende a obter mecanismos similares e constantes.

Como o homem é um ser social e compartilha suas experiências em sociedade, a forma como ele representa o mundo também é conjugada, podendo-se falar em representação coletiva, tal como aponta

a sociologia de Durkheim (1994), que propõe através do conceito de representações coletivas a forma coesa como a sociedade se estabelece. Para esse autor, elas são fruto de uma consciência coletiva, o que explica o fato de a sociedade se manter mais ou menos equilibrada.

Enquanto Durkheim (1994) se preocupa com a estabilidade social, Moscovici (2003) vê uma possibilidade de explicação para a dinâmica e transformação das representações; afirma que as representações coletivas de Durkheim não são estáticas, mas assumem diferentes formas em diferentes sociedades, por isso são denominadas de Representações Sociais – RS. Para Duveen, “Moscovici esteve mais interessado em explorar a variação e a diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas, em que as diferenças refletem uma distribuição desigual de poder e geram uma heterogeneidade de representações” (DUVEEN, 2003, p. 15).

No entanto, Moscovici não descarta a ideia de que as representações em sociedade são semelhantes, apenas reafirma as variâncias e ressalta que a própria psicologia social parte do princípio de que as pessoas costumam ter as mesmas respostas a um dado estímulo comum a todos os membros de uma comunidade. Na perspectiva desse autor, tendemos a considerar e analisar o mundo de uma maneira semelhante; especialmente quando o mundo em que vivemos é social. Isso implica dizer que é a interação humana que pressupõe as representações, a cada interação, são compartilhadas diversas ideologias mais ou menos determinadas. Para Varella et al. (2003), o mundo está, de certa forma, pré-determinado mediante representações mentais de algo que já está dado e pode ser avaliado a partir da correspondência com a realidade. Nesse sentido, Moscovici e Varella compartilham da ideia de que a realidade é construída socialmente a partir de crenças divulgadas nas conversações ou comunicações cotidianas. Para os autores, as RS revelam o ato de tornar o não familiar, familiar. Em outras palavras, é pelas representações que as crenças sociais se tornam explícitas.

Na visão de Franco, as RS são ideologias expressas mediadas pelo uso de elementos simbólicos, cuja função é explicitar o pensamento dos homens: “As representações sociais são elementos simbólicos que os homens expressam mediante o uso de palavras e gestos”. (FRANCO, 2004, p. 170). Assim, considerar o pensamento como algo explicitado pelas RS consiste em compreender implicitamente a linguagem como representação, na linha cartesiana, de que ela expressa o pensamento.

Na concepção de Moscovici, pensamos por meio de uma linguagem, o que implica dizer que linguagem e pensamento estão imbricados ou, ainda, na visão de Py (2004), o conteúdo de nossos pensamentos é construído no e pelo discurso. Nesse sentido, como bem lembra Matencio (2006), à luz de Vygotsky (1991), se há uma forte relação entre pensamento e linguagem e esta está intimamente ligada ao processo de socialização, o significado das palavras está relacionado aos conceitos construídos socialmente. Logo, nesse aspecto, nas atividades interacionais estão envolvidas não só as representações mentais dos indivíduos, mas as RS. No que concerne às noções de sentido e referência, é nas RS que os sentidos se constroem.

Contudo, o que se pretende discutir aqui é como compartilhamos de representações comuns da sociedade. Para Py (2004), podemos entender as RS como algo historicamente construído, uma vez que se perpetuam no tempo, e podem também ser modificadas pelas práticas socioculturais, ou mesmo morrerem e novas RS surgirem. Por serem sociais, as representações convencionalizam-se, segundo Moscovici, os objetos, pessoas ou acontecimentos acabam por controlar a realidade, parecem ter vida própria, pois se mantêm no tempo e dialogam com outras representações. Nesse sentido, elas se constituem um modelo compartilhado em uso. Logo, se é por elas que conhecemos e concebemos o que representa o quê, podemos entender o sentido como algo tipicamente determinado, dependendo, é claro, da situação de uso e do que é convencionalizado. Assim, podemos entender os significados de um gesto, de acordo com a sua aplicabilidade no universo das convenções de uso.

As RS também influenciam o comportamento de um indivíduo ou grupo. Sendo, pois, o sentido também proveniente de crenças, podemos dizer que ele pode ser comum quando inserido numa representação. Além disso, somos moldados por elas. Assim, tudo o que acreditamos decorre, de algum modo, dessa influência.

Podemos compreender as representações como fenômenos sociocognitivos, uma vez que além de serem processos cognitivos de estabelecimento de crenças produzidas e reproduzidas pela memória coletiva, a cada momento de interação, as representações são expostas, ancoradas no âmbito da situação real. Assim, elas aparecem na pragmática do discurso como orientações da intencionalidade.

Por serem crenças, as RS, presentes nas “mensagens, mediadas pela linguagem, se ancoram no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem” (FRANCO, 2004, p. 170). Em outras palavras, é preciso conhecer o contexto em que os indivíduos estão inseridos, uma vez que, por serem historicamente construídas e vinculadas a determinados grupos, as RS podem sofrer variação de significação, o que certamente afetará as práticas sociocomunicativas.

A memória coletiva também auxilia o processo de Ancoragem, pois as próprias práticas discursivas estão moldadas sob condições socialmente compartilhadas, isto é, as crenças sociais são moldadas e divulgadas socialmente sob um contexto situacional.

Para Leontiev (1978), além de obterem uma virtude preditiva, as representações são orientações para a ação, o que implica dizer que elas se refletem na prática do cotidiano e nas práticas discursivas como orientações para a ação. Em outras palavras, as RS se constituem como uma espécie de “metonímia” de comportamentos. Nessa perspectiva, há uma orientação nuclear, geradora da representação compartilhada e uma outra de contexto mais pragmático, em que os sujeitos evidenciam maior individualidade. Nas palavras de Franco (2004), a gênese das RS consiste em processos cognitivos como Objetivação, Ancoragem, Núcleo Central e Esquema Periférico. Sob esse aspecto, a Objetivação refere-se à transformação de um conceito ou opinião em algo concreto, isto é, sai do abstrato para o real, passando a constituir o Núcleo

Central de uma representação, ou seja, o que determinará o significado de uma representação. Já a Ancoragem consiste na integração do objeto representado à realidade. Ela complementa o Núcleo Central, dando a esse uma concretização, enquanto os Esquemas Periféricos funcionam como elementos organizados pelo Núcleo Central, como representações relacionadas às experiências individuais do sujeito.

É a partir dos postulados de Py que os termos Representações de Referência – RR – e representações de uso – RU – ilustram como as RS partem do princípio do geral para o particular. Sob esse ponto de vista, “as representações de referência consistem na retomada e reafirmação de crenças, concepções e sentimentos calcados na memória coletiva, contribuem para modelar e regular a interpretação das ações dos membros dos grupos” (MATENCIO; RIBEIRO, 2009, p. 231); é o recurso ao qual o interlocutor recorre para ratificar ou refutar juízos, uma vez que as representações de referência podem ser consideradas como as experiências compartilhadas por um grupo social, armazenadas na memória coletiva. Desse modo, ao lidar com as experiências do grupo, o sujeito atribui sentido a elas ratificando ou refutando as crenças provenientes das RR. Assim, ao se assumir papéis sociais no discurso, as RS aparecerão, reforçando a ideia de que as formas de dizer, conhecer e fazer dos indivíduos em sociedade são frutos desse fenômeno.

Pelo fato de tais representações se situarem num grupo, as representações ali estabelecidas constituem-se como referências àquele grupo. Dessa forma, segundo Matencio e Ribeiro, as referências estabelecidas no interior de um grupo social servem de parâmetro para que um dos seus membros possa se aproximar ou não dos demais. Daí nascem a subjetividade e a noção de RU. Py considera as RU as diferentes posições enunciativas num mesmo grupo. São valores individuais que podem variar e se distanciar das RR. Sob esse aspecto, o autor determina uma posição central para as RR e periférica para as RU, ambas condicionadas às circunstâncias de interação.

Por se constituírem da e na interação, as RU são práticas de uso da linguagem, provenientes das crenças nas quais as RS se baseiam, cujas expressões são subjetivas, isto é, priorizam a singularidade no modo de dizer. Podemos dizer que a RU acontece quando o paradigma sustentado pela RS é reformulado por construção identitária que poderá alterar as RS ao longo do tempo. Por exemplo, a crença e o uso do termo escola pública trazem, hoje, uma conotação diferente do que o termo comportava antigamente. Se antes o sentido era de escola de qualidade, hoje, tem-se, por conjunto de crenças, um aspecto negativo da escola, muitas vezes, pela crença de que o ensino particular, hoje, tem um respaldo mais valorizado na qualidade do ensino. Nesse sentido, a forma enunciativa revela que o sujeito ressignifica as representações de referência a partir das experiências pessoais, tal como afirmam Matencio e Ribeiro, pois atualiza os conceitos a partir das práticas sociais, o que corrobora o postulado de Moscovici, quanto à dinamização das RR. Neste e em outros casos, as RU podem ainda se sobrepôr às de referência – RR –, o que mostra que as de uso carregam consigo uma força com poder para modificar e quebrar

velhos paradigmas, antes arraigados na tradição.

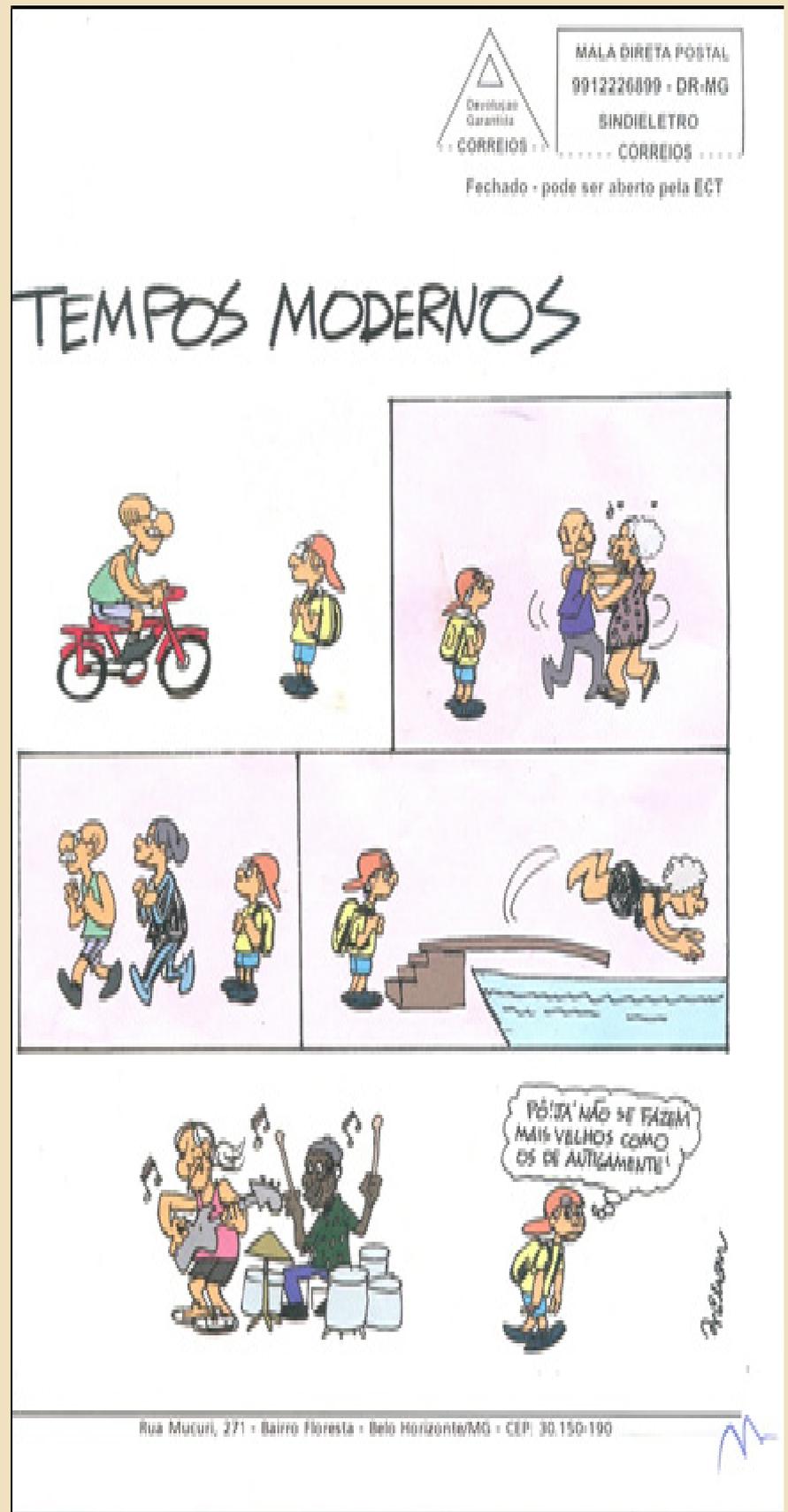


Figura 1 - Tempos modernos

Fonte: Azevedo, 2011

No texto acima, a noção de RU é bem explicitada pelo autor, ao apresentar um texto como esse numa revista de trabalhadores aposentados e ativos de uma organização, uma vez que permite ao leitor a ativação da representação de referência do que a sociedade vê como idoso, ligada à representação social da imagem de pessoas mais jovens em relação aos idosos – como pessoas normalmente com debilidades físicas, inativas, sedentárias, etc.

Em termos cognitivos, o texto não verbal pode estar relacionado à imagem mental que se tem dos “velhos”, tal como está presente na fala do personagem jovem. Nesse contexto, pode-se dizer que o item lexical “velho”, em vez de idoso remete a uma conotação de como a pessoa idosa é vista pela sociedade: uma pessoa que não pertence ao grupo daqueles que praticam atividade física e gostam de rock. Em termos linguístico-discursivos, a fala do personagem mais jovem revela exatamente uma representação social, compartilhada, de que os idosos de hoje já não são mais aqueles de antigamente que tricotavam, jogava cartas e apenas via televisão.

Observando ainda todo o texto verbal “Pô, já não se fazem mais velhos como os de antigamente”, é notória a intencionalidade do autor em direcionar o efeito de sentido para a contraposição de ideias entre o que os jovens pensam e os idosos praticam hoje, bem como a utilização de um comentário típico dos idosos.

Nessa perspectiva, pode-se observar que a direcionalidade de sentido apela para uma memória coletiva discursiva de que são os jovens, na atualidade, que empregam esse comentário como caracterização de espanto por perceber, pelo texto não verbal, as atividades que os idosos estão praticando. Sob esse aspecto, a expressão “Pô”, usada como gíria, é típica da linguagem dos jovens, geralmente, quando há uma correlação com descontentamento, decepção, apelo em relação a alguma situação.

Logo, pode-se observar a direcionalidade de sentido ou intencionalidade indicada pelo autor na produção de sentido dessa charge. Analisando-se a integralidade do texto, pode-se observar ainda que houve uma modificação de crenças e dos pré-construídos que se tinha em relação aos idosos. Isso pode ser confirmado pelo próprio título “tempo modernos”, chamando a atenção do leitor para que ative a memória discursiva e coletiva de como a sociedade via e vê a imagem da pessoa idosa.

Considerando-se ainda que se trata de um texto de contracapa de uma revista voltada, principalmente, para aposentados de uma companhia energética, a mudança de paradigmas ativa as representações sociais dos próprios aposentados, que veem uma forma de valorização da capacidade da pessoa idosa, no sentido de incentivá-la, em função da modernidade, a buscar levar uma vida ativa com diversas atividades, independentemente da idade avançada. Sendo assim, pode-se considerar que, na contextualização do texto, a modificação das crenças aí revela a constituição de uma

representação de uso, pois todo o texto está voltado para um grupo específico e também a colocação de que a representação social da imagem dos idosos está sendo modificado com tempo e com a modernidade.

ABSTRACT

The Representations of Reference – RR – and Representations of Use – RU – illustrate how the Social Representations – RS – start from the general to the particular social and represent the beliefs of a group present in the collective memory of the reader in a process of anchoring. Thus, RU depend on the social representations, in the sense that they influence the RU for their status by using contextual situation of communication. In general, the RS work with conventionalized beliefs in society, but that with the use in certain contexts, can direct a feature, that is, individuals have more individuality can change old beliefs then set forth in RS. This implies that meaning is socially constructed. In this sense, the RU form a new insight into their own beliefs and can modify them by using new. In cognitive terms, representations both partners, and to use mental representations are intertwined, so that the active subject, memory, representations of what is already established from the social interaction.

Keywords: Representations of use; Representations of reference; Social representaion.

PARA APROFUNDAR NO TEMA:

CAVALLI, M. et al. Le bilinguisme: représentations sociales, discours et contexts. In : MOORE, D. (Éd.). **Les représentations dès langues et de leur apprentissage**: références, donnés, et méthodes. Paris: Didier, 2001. .p. 65-99. Collection Crédif-Essais

GUIMELLI, Ch. (Ed.). **Structures et transformations dès représentations sociales**. Neuchâtel/Paris: Delachaux e Niestlé, 1994

JODELET, Denise. Representations sociales: um domaine en expansion. In: JODELET, D. (Org.). **Les représentations sociales**. Paris: Press Universitaires de France, 1989

MONDADA, L. De l'analyse des représentations à l'analyse des activités descriptives en contexte. **Cahiers de praxématique**, Montpellier, n. 31, p. .127-148, 1998

OESCH-SERRA, C.; PY, B. Dynamique des représentations dans des situations de migration: Etude de quelques stéréotypes , **Bulletin Cila**, n. .57, p. 71-83, 1993

PARREFORT, M. Et si on hachait un peu de paille? Aspects linguistiques .dès représentations langagières. **Tranel**, n. 27, p. 51-62, 1997

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Nilson. Tempos modernos. **CG Participantes aposentados e ativos da Forluz e Cemig Saúde**, Ano 1, n. 2, jul. 2011. Charge. p. 18.

DUVEEN, G. **O poder das ideias**. In: MOSCOVICI, S. **Representações sociais: Investigação em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2003. p.7-28.

DURKHEIM, E. **Sociologia e filosofia**. São Paulo: Ícone, 1994.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004.

KOCH, I. V.; MORATO, M. E.; BENTES, A. C. (Org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 8-10.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles; RIBEIRO, Pollyane Bicalho. A dinâmica das e nas representações sociais: o que nos dizem os dados textuais? **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 229-238, set./dez. 2009.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Os movimentos dos sentidos: unidades lexicais complexas e representações sociais**. 2008. (Digitalizado).

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

PY, Bernad. Representations sociales et discourse : Questions epistemologique et methodologique. (Social representation and discourse. Questions epistemology et methodology). In: PY, Bernad (Éd.). **Analyse conversationnelle et representations sociales : Unite et diversite de image of bilingualism**. **Travaux neuchatelois de linguistique**, n. 32, p. 5-20, jun. 2000.

SANCOVSCHI, Beatriz. Sobre a noção de representação em S. Moscovici e F. Varela. **Psicologia e sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 7-14, ago. 2007.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Mundo como vontade e representação**. São Paulo: Contraponto, 2001.

VARELA, F., THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A mente incorporada: Ciências cognitivas e experiência humana**. Porto Alegre: Artmed, 2003.